

GÊNEROS DO DISCURSO EM TRANSFORMAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DA ESTRUTURA POTENCIAL DOS GÊNEROS *DIÁRIO* E *BLOG* SOB A PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL¹

Speech Genres in Transformation: a Comparative Study of Journals' and Blogs' Generic Structure Potential under a Systemic-functional Perspective

Orlando VIAN JR (Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil)

M. Caroline MOREIRA-FERREIRA (Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/PUC-SP, São Paulo, Brasil)²

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (Bakhtin, 1953:279)

Abstract

This text presents partial results of a research project developed at undergraduate level which aimed at comparing the Generic Structure Potential (Halliday & Hasan, 1989) of two genres: journals and blogs. Aiming to bring some contributions to genre studies from a systemic-functional perspective, we analyzed blogs as a genre resulting from transformations of journals, recontextualized according to socio-historical changes brought about by the internet. We present the Generic

¹ Agradecemos aos pareceristas pelas valiosas sugestões e contribuições ao texto.

² Este texto foi elaborado após a conclusão da pesquisa de iniciação científica de Moreira-Ferreira (2003), cujo conteúdo foi ampliado e transformado em pesquisa de mestrado (Moreira-Ferreira, 2006), desenvolvida na sequência. Ambas as pesquisas foram orientadas pelo Prof. Dr. Orlando Vian Jr, então professor do Depto. de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP.

Structure Potential of both genres based on data collected and their register variables (Halliday & Hasan, 1989) as a way of showing the differences and similarities between them both.

Key-words: *journal; blogs; genre; Generic Structure Potential (GSP); register.*

Resumo

Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que teve como objetivo comparar as Estruturas Potenciais (Halliday & Hasan, 1989) de dois Gêneros: diários e blogs. Objetivando trazer contribuições para os estudos de gêneros discursivos pela perspectiva sistêmico-funcional, analisamos os blogs como um gênero resultante das transformações nos diários, recontextualizados de acordo com as mudanças sócio-históricas trazidas pela internet. Apresentamos as Estruturas Potenciais de ambos os Gêneros com base nos dados coletados e as suas variáveis de registro (Halliday & Hasan, 1989), como forma de mostrar as diferenças e as semelhanças entre os dois gêneros.

Palavras-chave: *diários; blogs; gênero; Estrutura Potencial do Gênero (EPG); registro.*

1. Transformações

A concepção de sujeito no Iluminismo estava focada em “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (Hall, 2001), ou seja, que vivia para si, dono e senhor de um mundo particular.

Essa concepção de sujeito nos dá a pista de um contexto social, político e histórico em que se inseria o produtor de diário: os textos eram produzidos como algo secreto, somente para os próprios autores, muitas vezes guardados a sete chaves, pois traziam os segredos desse sujeito. Pensando pelo prisma identitário, tratava-se de uma face da identidade secreta, não revelada ao mundo. Com as transformações históricas e, recentemente, com as revoluções e evoluções tecnológicas,

esse sujeito foi se descentrando, sendo bombardeado por mais e mais informações. Com o avanço da informática, o meio virtual passou a ser a infovia para a troca de informações, um salto deveras significativo.

Como os gêneros do discurso são produzidos e circulam em dados ambientes, refletem elementos do contexto cultural e situacional em que estão inseridos, o que equivale dizer que os estudos envolvendo *blogs* devem abordar tanto questões relativas às mudanças na identidade do sujeito, como também as transformações nas formas de interação surgidas com a *internet*.

Nosso objetivo neste trabalho, portanto, é apresentar parte dos resultados obtidos a partir da análise de diários e *blogs* realizada, num primeiro momento, no projeto de iniciação científica *Do diário ao blog: gêneros do discurso em transformação*. Tal projeto foi desenvolvido em nível de graduação por Moreira-Ferreira (2003), então aluna de Letras/Português na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e subsidiado pelo PIBIC-CEPE da mesma universidade. A partir daí, teceremos considerações sobre as transformações realizadas em tão breve espaço de tempo.

2. Diários e *blogs*

Após o advento dos *blogs*, diversos estudos foram empreendidos para que o gênero fosse caracterizado, como é o caso, apenas a título de exemplo, dos trabalhos sobre hipertexto e gêneros digitais em Marcuschi e Xavier (2004). Ainda assim, vale a pena lembrar o que é um diário, como gênero; e, portanto, o que é um gênero. Só assim será possível nos aproximarmos um pouco da especificidade dos diários usados nesta pesquisa.

O trabalho pioneiro de Machado (1998), que introduz o diário como um instrumento na escola, levanta a questão de que a utilização do termo diário é ambígua, uma vez que existem diferentes acepções para o termo, indo desde o portador específico de um texto em que se registram eventos cotidianos até a função de busca de conhecimento, ou o preenchimento de uma necessidade psicológica, ou, ainda, o simples desejo de se deixar registrado determinado acontecimento.

Uma possível origem do diário vem da informação de Foucault (*apud* Machado, 1998), que afirma que “diário” tem a intenção de nomear e descrever dois gêneros do discurso no contexto da ‘cultura em si’, nos dois primeiros séculos da época cristã. Um desses gêneros era constituído pelos *hypomnemata*, cadernos pessoais de uso mais antigo e de utilização corrente entre a elite culta da época.

Na base do diário como gênero há uma espécie de ‘contrato referencial’ (Rangel, 1994), que entrelaça o discurso ao vivido e obriga o sujeito da enunciação à ‘sinceridade’ e a um ‘pacto de lealdade’, o que permite ao enunciatário ter acesso a uma intimidade que, seja na posição de confidente, seja na de confessor, ele deve respeitar, mesmo quando desaprova, numa espécie de retribuição à sinceridade com que foi apresentado.

Tanto o autor do *blog* (ou blogueiro) como a pessoa que utiliza o diário como confessor encaixam-se nessas concepções do contrato referencial a que se refere Rangel (1994). Porém, no diário, não há a interatividade entre leitor-escritor que há no *blog*, por ser menos provável que alguém leia o diário de outrem, ao passo que um *blog* pode estar disponível para qualquer usuário que tenha acesso a um computador.

O *blog* tem muito em comum com o diário íntimo, uma vez que, num primeiro e fundamental momento, esses diários devem ser produzidos como um texto em que o destinatário é o próprio destinador. Para Rousset (*apud* Rangel, 1994), o diário é um ‘texto sem destinatário’, remetendo ao conceito de Lejeune (*apud* Rangel, 1994) de que “quando não há mais ninguém para escrever, escreve-se para si mesmo”. O ato de relatar também merece consideração, pois, segundo Rojo (1999), quanto mais próxima a temática do cotidiano e do eu e quanto mais próxima do presente cotidiano (ontem, antes de ontem), maior a implicação no ato relatar. Esse aspecto, portanto, imprime o caráter do diário, caracterizando-o como o ato de escrever relatando as ocorrências do cotidiano, em ordem cronológica, fazendo uma ligação do que se faz ou acontece diariamente na vida da pessoa que o produz.

Os *blogs*, por outro lado, nos abriram uma nova porta para o mundo: podemos não só relatar, mas também ilustrar, inserir fotos, fazer *links* com outros textos, utilizar diversos recursos multimidiáticos para

falar sobre o que acontece – é um mundo no qual temos a liberdade que não temos no mundo real, no diário escrito cursivamente.

A popularização de ferramentas gratuitas – que permitem que qualquer usuário, com uma conexão à rede, crie páginas pessoais, facilmente atualizáveis – fez com que o número de *blogs* passasse de centenas para cerca de 2,6 milhões em cerca de três anos, diz o *site* especializado *Blogcount* (www.blogcount.com). Em sua edição especial no. 24 sobre jovens, a revista *Veja* de julho de 2003 afirma que a estimativa no Brasil de adeptos dos *blogs* passe de 100.000.

O termo *blog* é derivado de *weblog*, da união das palavras inglesas *web* (literalmente, teia e, metaforicamente, a rede mundial de computadores) e *log* (diário de bordo em que os navegadores registravam os eventos ligados ao clima), que passou a ser usado simplificado como *blog*, considerado como um diário eletrônico que as pessoas criam na internet, um arquivo na rede. Segundo a revista *Veja* de 01.07.2005, em reportagem sobre *blogs* e sua influência na política e nos negócios, “trata-se de uma ferramenta que permite a qualquer pessoa criar uma página na rede de forma simples e rápida. O conteúdo depende do produtor do texto: há desde noticiários políticos até diários de adolescentes. Além de texto, os *blogs* comportam fotos e, em alguns, casos, vídeos”. Ainda segundo a revista, havia, na época da reportagem, 30 milhões de *blogs* no mundo e até o final de 2005 seriam 53 milhões, um salto significativo em relação à informação divulgada em 2003, apresentada anteriormente.

O Dicionário *Marketing Terms* (2000) define *blog* como “uma publicação freqüente e cronológica de pensamentos pessoais e de *links* da *web*”, ou seja, o aspecto pessoal é um dos fatores que determinam os elos a serem estabelecidos, o que vai variar desde *links* para outros *blogs*, geralmente de amigos do *blogueiro* que também tenham um *blog* ou *site*, ou quaisquer outros *sites* que despertem o interesse do dono do *blog*.

3. A perspectiva sistêmico-funcional de linguagem

A lingüística sistêmico-funcional de Halliday (1985, 1994 e Halliday & Mathiessen, 2004) concebe a linguagem como um sistema

de escolhas à disposição dos usuários, o que nos permite afirmar que se trata de uma teoria semântico-funcional, preocupada não somente com a léxico-gramática da língua, mas também com os significados veiculados, dada a relação entre texto e contexto, uma vez que o texto traz em si marcas do contexto cultural (gênero) e situacional (registro) em que é produzido.

Além disso, como afirma Halliday (1994:xiii), uma gramática funcional é essencialmente ‘natural’, pois tudo nela pode ser explicado se considerarmos como a linguagem é usada.

Com base nessa visão semântico-funcional, partiremos das conceitualizações de gênero e registro e abordaremos os aspectos relativos às questões de gênero e registro nos diários e *blogs* sob estudo para, posteriormente, analisarmos as estruturas potenciais de ambos os gêneros, pois partimos do pressuposto de que o texto traz em si marcas do contexto em que é produzido, funcionando como a realização lingüística das escolhas realizadas no contexto.

3.1. Gênero e registro

Para Halliday & Hasan (1989), o gênero torna-se conhecido, entre outros aspectos, pelos significados que atribuímos ou associamos a ele: o gênero, portanto, é social e é concebido como um dos dois planos do contexto; o outro plano do contexto é ocupado pelo registro, o contexto da situação (Martin, 1992:495).

O gênero encontra-se num plano semântico superior ao registro e o registro, por sua vez, superior à linguagem (Eggins, 1994). O gênero se define a partir do reconhecimento do uso da estrutura em estágios, que obedecerá a uma seqüência de elementos obrigatórios, opcionais e recursivos.

Assim, o gênero pode ser visto, em termos semânticos, como mais abstrato e mais geral, inserido em um contexto de cultura, ao passo que o registro, mais concreto, está inserido no contexto da situação. Martin (1992) aponta, ainda, que o registro funciona como forma de

expressão do gênero, da mesma maneira que a linguagem funciona como expressão do registro.

A relação gênero-registro-linguagem, portanto, estabelece-se a partir dos níveis dessa abstração, indo do contexto mais amplo, semanticamente mais abstrato, o gênero, para o mais concreto, realizado pela léxico-gramática. O registro funcionará como um passo para a definição da estrutura do gênero.

Um gênero só é configurado pela presença de elementos obrigatórios em sua estrutura, apresentando, ainda, elementos opcionais e recursivos. Os elementos obrigatórios, dessa forma, serão responsáveis pela determinação do gênero e compreendem a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) (Halliday e Hasan, 1989).

A análise dos elementos obrigatórios dos gêneros que compõem o corpus sob estudo permitiu que se estabelecesse a seguinte EPG tanto para os diários quanto para os *blogs*: *data*, *saudação inicial*, *mensagem*, *despedida* (opcional) e *saudação final*.

Halliday & Hasan (1989) acrescentam que os elementos opcionais são, por definição, aqueles que *podem* ocorrer, mas não obrigatoriamente. A partir da exploração de todas as possibilidades de elementos opcionais e obrigatórios que possam ocorrer em um gênero, assim como a ordem em que eles ocorrem, fica estabelecida a sua EPG. O estudo dessa EPG permite vislumbrar um número de estruturas que podem ser realizadas, passando cada uma delas a ser uma estrutura real.

A partir da seqüência dos elementos da EPG apresentada anteriormente (*data*, *saudação inicial*, *mensagem*, *despedida* (opcional) e *saudação final*) e com base na proposta de Halliday & Hasan (1989) para representação do gênero, podemos apresentar a estrutura esquemática dos gêneros estudados da seguinte maneira:

$$Dt^> S^>R^>[Dp]^>A$$

O símbolo > indica seqüência e os colchetes indicam que o elemento é opcional. As iniciais referem-se ao nome dado ao estágio, conforme indicado acima, para a qual Dt = data, S = saudação, R = relato, Dp = despedida e A = assinatura.

É no contexto de situação que o gênero é realizado em linguagem, por meio de escolhas lingüísticas que caracterizarão o registro dos gêneros ‘diário’ e ‘blog’ pesquisados, cujas variáveis são:

- campo* do que se fala ou escreve, o tópico da situação;
- relações* os papéis sociais que cada parte desempenha na interação;
- modo* o papel da linguagem na interação, o modo (falado/escrito) pelo qual a mensagem é veiculada.

O registro, portanto, auxilia-nos na definição das escolhas; uma vez inserido no contexto da situação, associa-se às opções léxico-gramaticais, que permitem a distinção entre um gênero e outro.

4. Apresentação, análise e discussão dos dados

Em função da dificuldade do acesso a diários manuscritos para análise, pois, conforme já apontamos, contêm informações de cunho pessoal, optamos por diários publicados. A partir de pesquisa, dentre os diversos tipos existentes (diários de viagem, diários de bordo, diários íntimos, diários de experiências científicas, etc.), optamos pelos diários de Anne Frank e de Zlata que, embora possam ser inseridos na categoria de diários de guerra, foram escritos pelas autoras ainda adolescentes e, mesmo apresentando relatos sobre fatos da guerra, apresentam também informações sobre suas vidas pessoais, relacionamentos, dúvidas, questionamentos e demais elementos inerentes aos diários. Importante ressaltar que, além de Anne e Zlata terem quase a mesma idade na época da produção de seus diários, sofrem com a guerra que impera em seus países, o que as deixam isoladas do mundo externo, tendo um diário para compartilhar seus sentimentos. Um fato curioso é que, cinquenta anos após Anne Frank ter escrito sobre a perseguição dos judeus holandeses, Zlata Filipovic também inicia seu diário, contando sobre a guerra em Sarajevo e tendo a oportunidade que Anne não teve: ver seu diário publicado mundialmente.

A proposta inicial de coleta dos textos que comporiam o corpus de pesquisa prescrevia a coleta de *blogs* com relatos de guerra, mas essa busca mostrou-se infrutífera na época. No período imediatamente posterior à coleta dos *blogs* analisados neste trabalho, entretanto, proliferaram relatos de guerra produzidos em consequência da Guerra do Iraque, mas tais textos eram produzidos em língua inglesa e em outros idiomas. Como o nosso objetivo era analisar *blogs* produzidos em língua portuguesa, optamos por textos de jovens brasileiras de idade similar a de Anne e Zlata pelo fato de existirem, no período de coleta de dados, mais *blogs* publicados por mulheres, o que contribuiu para reforçar o estereótipo de que diário é “coisa de menina”, embora isso venha se alterando, como aponta a revista Veja especial para jovens (julho de 2003, p. 40) ao tratar dos *blogs*:

(...) diferentemente do diário de papel, o blog não é coisa só de menina. Os garotos também se divertem. Muda apenas o assunto. Numa simplificação grosseira, pode-se dizer que elas falam mais de sentimentos. Eles preferem falar uns dos outros e de futebol. Para ambos os sexos, o objetivo é mostrar um ponto de vista.

A partir desses critérios, foram selecionados *blogs* de três jovens: Bani, Chris e ThaTha, três garotas com diferentes atividades de vida que, apesar de tanta diversidade, têm algo em comum: seus *blogs*. Bani, uma aficionada por programas de computador; Chris, uma pediatra recém-formada, o que indica a idade superior em relação às demais; e Thatha, uma adolescente com as mesmas características de alguém na sua idade, com incertezas e descobertas - jovens que deixaram seus diários do passado na gaveta, para sentar à frente da tela do computador e abrir suas vidas privadas ao olhar de curiosos desconhecidos.

Diferentemente dos diários, que são mantidos por seus autores por anos a fio, os *blogs* desaparecem repentinamente, tanto é que, ao término da pesquisa, os três *blogs* aqui analisados haviam sido extintos da rede virtual.

O diário de Anne Frank foi publicado em português em 1996, tendo sua primeira publicação em 1947 na língua original, o holandês. Sua versão traduzida foi obra de Ivanir Alves Calado e editada pela

Record; a versão utilizada para este trabalho foi a 4ª edição. A edição em português contém 315 páginas, começadas em 12 de junho de 1942 e finalizadas em 1º de agosto de 1944.

Otto Frank, pai da autora, deixou, em 1980, antes de morrer, os manuscritos originais para o Instituto Estatal Holandês, para Documentação de Guerra, em Amsterdã, tudo graças a Miep Gies e Bep Voskuijl, que encontraram os diários de Anne espalhados no chão do Anexo, três dias depois de Anne ter parado de escrevê-lo.

Zlata Filipovic teve seu diário originalmente publicado em servo-croata pela Unicef em 1994, e no mesmo ano em português, traduzido por Antônio de Macedo Soares e Heloisa Jahn, com prefácio de Leão Serva, editado pela Companhia das Letras. O diário, em sua 1ª edição, contém 181 páginas, começadas em 02 de setembro de 1991 e indo até 17 de outubro de 1993; há também fotos de arquivos pessoais de Zlata.

Zlata teve a oportunidade de ver seu diário publicado, contando os horrores da guerra da ex-Iugoslávia e, um pouco antes do Natal de 1993, ela e seus pais receberam permissão para deixar Sarajevo, indo temporariamente para Paris e depois para a Irlanda.

(a) O diário de Anne Frank

Anne Frank descobriu que, mesmo no contexto tenebroso do nazismo e da guerra, ela viveu problemas e conflitos de uma adolescente de qualquer lugar e tempo. Anne registrou em seu diário a Segunda Guerra Mundial, o que veio, posteriormente, a caracterizar seu texto como um importante relato, tornando o diário conhecido mundialmente, principalmente no que diz respeito aos judeus, como se pode observar no seguinte trecho:

Sábado, 20 de junho de 1942

(...) Depois de maio de 1940 os bons tempos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois a capitulação, e em seguida a chegada dos alemães, e foi então que começaram os problemas para os judeus. Nossa liberdade foi seriamente

restringida com uma série de decretos anti-semitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carros, mesmo que fossem carros deles; os judeus deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde; os judeus só deveriam freqüentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de comparecer a teatros, cinemas ou qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de freqüentar piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou qualquer outro campo de atletismo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de seus amigos depois das oito da noite; os judeus eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deveriam freqüentar escolas judias etc. Você não podia fazer isso ou aquilo, mas a vida continuava. (p. 18)

Inicialmente, Anne opta por escrever o diário, a quem chama carinhosamente de Kitty, por um motivo que é apontado por Rangel (1994): na falta de interlocutor real ou pelo fato de não se ter a quem escrever, opta-se por escrever a si mesmo, permanecendo o caráter íntimo, secreto, como no trecho a seguir:

(...) não estou planejando deixar que ninguém mais leia esse caderno de capa dura que geralmente chamamos de diário, a não ser que um dia eu encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora estou de volta ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. (p 16)

(b) O diário de Zlata

Zlata Filipovic nasceu em 1980, em Sarajevo, e também manteve um diário, no qual vai registrando o seu cotidiano na guerra que assolou a ex-Iugoslávia. O diário foi escrito ao longo de dois anos, entre 1991 e 1993. As preocupações do dia-a-dia desaparecem diante do medo, da raiva, da perplexidade.

Como Anne, Zlata, no relato do dia 30 de março de 1992, também batiza seu diário, dando-lhe o nome de Mimmy, em homenagem ao peixinho dourado que tinha e morrera, revelando o conhecimento sobre o diário de Anne Frank.

Anne Frank bem que batizou o Diário dela de Kitty. (p 41)

O diário de Zlata deveria ser como o de outra garota qualquer de sua idade, não fossem seus relatos de guerra:

Terça-feira, 4 de fevereiro de 1992

As aulas recomeçaram na escola. E nos outros lugares também... Fui à escola de música. Foi bom. Ainda não contei que tenho um caderno onde colo fotos de modelos. Tenho fotos da Linda Evangelista, da Claudia Schiffer, da Cindy Crawford, da Yasmine Le Bon. (p 38)

O Diário de Zlata, sempre numa situação de interlocução direta entre a enunciadora e seu diário, é referido muitas vezes como “você”, revelando a necessidade de interação e o uso do diário como esse interlocutor inexistente.

(c) O *blog* de Chris

Chris (<http://www.coisasdaminhavidaweblogger.com.br>) começou a postar para ela mesma. Com a febre dos *blogs* e da vida virtual, abandonou o diário tradicional e passou a relatar sua vida pelo simples fato de seguir uma nova tendência.

Chris passa para o leitor a impressão de que o *blog* foi feito para si mesma. Outra marca particular que se encontra no *blog* de Chris é que ela escreve, pelo menos para os textos analisados, quando tem disponibilidade, não respeitando uma ordem cronológica diária, como é costumeiro em um relato diário e freqüente. Salientamos, no entanto, dois aspectos sobre esse *blog*: primeiramente, existe a diferença de idade, como apontamos anteriormente, pois Chris, à época da coleta, era recém-graduada. Por outro lado, optamos por incluí-lo no corpus por apresentar

linguagem semelhante àquela utilizada pelas adolescentes. Percebe-se pelo texto que, embora Chris relate aspectos de sua nova profissão, inclui em seu léxico escolhas típicas de adolescentes, como por exemplo os itens lexicais 'puxa', 'pacientinha' e 'tipo', como podemos verificar no trecho a seguir:

Sábado, 31 de agosto de 2002

Puxa, fiquei sabendo ontem que uma das minhas pacientinhas morreu. Fiquei muito mal, na hora eu fiquei tão surpresa, que nem chorar eu conseguia, era como se fosse mentira... Não que ela estivesse muito bem, mas não mal pra morrer. Tipo, eu cheguei a atender a Jojo na UTIP, pra morrer, mas ela sempre melhorou, e agora isso! Como disse a mãe dela no niver dela, ela lutou 2 anos e tava conseguindo viver.

A Jojo era uma criança linda, ela tinha Síndrome de Down, e era cardiopata. Eu lembro que quando ela tava na UTIP, eu ensinei ela mandar beijo, e toda vez que eu chegava perto do berço dela ela começava a me mandar beijos... a coisa mais linda, ela era a princesinha da pediatria.Saudades...

Enviado por Chris – 17:42

(d) O *blog* de ThaTha

O *blog* de Thatha (<http://www.docinha.weblogger.com.br>) tem uma característica que os outros não têm: é *linkado* e recebe muitas visitas, rendendo assim comentários deixados pelas pessoas que visitam todos os dias seu *blog*, para conhecer um pouco mais de sua vida. Com o acesso aos *comments*, ela recebe grande quantidade de mensagens deixadas por seus leitores.

Os horários nos quais as postagens ocorrem são, geralmente, no período noturno, quando a *blogueira* acaba seu dia e vai relatá-lo, fazendo uma avaliação de tudo o que fez e aconteceu naquele dia.

Terça-feira, 20 de agosto de 2002**SAUDADE ...**

Na minha casa, as coisas naum vão bem...minha mãe me lançou outro dia: “Você acha que eu naum sofro por tudo isso tbm?”, eu queria dizer a ela q entendia tudo, pq sabia q tava difícil q tava doendo, q perder alguém naum eh a coisa mais fácil do mundo, mas eu tento parecer forte, minha mãe fica feliz em me ver assim...pq pelo menos ela acha q eu to bem, eu estou, mas tbm morro de saudades da minha vó, por diversas vezes queria te-la aqui soh p/ dar mais um abraço, contar as novidades, mas ela ta melhor onde esta, mas a saudade é foda... Saudade algo que ninguém descreveu, vontade de ter de novo aquilo q se perdeu

Enviado por Thaisa – ThaTha_SP as 08:55

(e) O blog da Bani

Bani (<http://borboleta.blogspot.com>) apresenta as mesmas características de Chris: deixou de escrever no diário tradicional “com papel e caneta” como ela mesma diz, para adicionar seu *post* todos os dias no seu endereço virtual e, assim, dar acesso a outras pessoas interessadas em vasculhar sua vida.

Apesar de ter um *link* de *comments*, não há no *blog* de Thatha mensagem de ninguém que o tenha visitado e lido suas anotações. Porém, o curioso é que sempre são deixadas coisas “meigas” por quem entra no seu *blog*, como *gifs*³ de borboletas, unicórnios, estrelas e tudo o que for meigo. Uma característica particular de Bani que a diferencia de ThaTha e Chris: seus *posts* são pequenos, com relatos rápidos e breves, sem seguir o cotidiano e o respeito por uma hora.

Outra característica do diário de Bani: toda e qualquer citação é repleta da palavra ‘meigo’, o adjetivo preferido da *blogueira*, como podemos ver pelos exemplos em negrito no *post* abaixo:

³ *Graphics Interchange Format* – Tipo de arquivo para armazenamento de imagens, desenvolvido pela CompuServe em 1987 e amplamente difundido na Internet.

8.8.02*Clonagem de celular*

O Baby é um celular meigo, com propaganda cheia de bebezinhos meigos e tudo. Porém, a Telesp Celular não é uma empresa meiga e não quer fazer a transferência do meu celular antigo para o novo, basicamente porque eu não comprei o novo lá (ela diz que é porque a minha documentação não está completa, mas se a única loja que fornece “documentação completa” é ela, então o que ela quer é que eu compre o celular lá). Por isso, se alguém conhecer alguma pessoa que faça clonagem de celular, por favor me avise.

Palavras meigas escritas por Bani às 20:44

(f) Comparações

Ao compararmos as características apresentadas anteriormente, bem como as variáveis de registro dos *blogs* e dos diários pela perspectiva sistêmico-funcional, estabelecem-se os seguintes aspectos:

Variável	Diários	Blogs
Campo	Relatos de guerra, com marcas do comportamento do cotidiano e impressões pessoais sobre tais fatos.	Relatos do cotidiano, com atividades e situações totalmente diferenciadas relacionadas a aspectos das vidas dos produtores dos <i>blogs</i> .
Relações	Trata-se do relato do produtor do diário. Os participantes da relação, dessa forma, podem ser vistos por dois ângulos. A princípio, consideramos o produtor do diário como participante único, escrevendo para si mesmo. Por outro lado, como os diários que analisamos foram transformados em livros, podemos também considerar os leitores.	A intimidade de cada <i>blogueira</i> e diversos aspectos de suas vidas são expostos aos freqüentadores de seus <i>blogs</i> e estão acessíveis a qualquer usuário que acesse o <i>blog</i> . Configuram-se, portanto, como participantes, o <i>blogueiro</i> e o internauta.
Modo	Essa variável também pode ser vista através de duas perspectivas. Uma primeira, compreendendo o diário manuscrito e, depois, transformado em livro.	O modo como são veiculados difere dos diários íntimos, pois se trata de comunicação virtual veiculada via internet, havendo a possibilidade, caso haja interesse, de baixar as informações e imprimi-las.

Quadro 1 – As variáveis de registro para os diários e para os *blogs*

O diário de Anne Frank e o de Zlata Filipovic seguem o padrão dos diários originais nos quais foram impressos os relatos de ambas. Já o *blog* tem características diferentes, pois passou do cursivo para o digital e, mais ainda, para o virtual público.

Se analisarmos os *posts* dos três *blogs*, comparativamente, podemos verificar que não há um padrão de frequência de postagens, como podemos observar pelo quadro a seguir.

MÊS: AGOSTO DE 2002			
Dia	ThaTha	Bani	Chris
1		13:54; 00:01	02:15; 02:22; 22:20; 22:54
2		02:36	12:56; 13:01; 23:12
3	00:51	15:16; 23:15; 00:08	20:45; 20:53; 21:04; 21:20; 21:34
4			17:00
5			14:13; 23:48
6	13:14	23:24	19:50; 19:55; 20:22
7		21:05	
8		20:44	
9			23:46; 23:56
10			00:24
11	00:30	17:17; 00:59	
12			22:34; 22:39; 25:52; 23:54
13		23:33	
14		21:12	
15	01:21	19:50	
16		23:20; 00:02	
17	02:19		
18		22:09; 02:40	
19		22:59; 23:16	16:46; 16:50; 23:31
20	08:55	22:42	17:00; 21:30; 22:11; 22:29; 22:34; 23:22; 23:24; 23:29; 23:31
21		23:40; 23:25	
22		19:36; 23:29	21:42; 00:14
23			21:40; 22:08; 22:12
24	16:29	23:23	21:22
25		22:15; 00:36	
26			01:50; 02:13; 02:25; 02:31; 20:57; 23:53
27		20:28	00:21; 00:29; 01:12; 19:03; 01:26; 01:28; 01:44
28	01:44		
29		21:27	14:20; 19:55; 21:37
30		19:50	
31	01:30	21:23	17:42; 18:01

Quadro 2 – Datas e horários das postagens nos *blogs* em agosto de 2002

Vale lembrar que, nos *blogs*, as datas aparecem registradas em ordem cronológica inversa, ou seja, o último lançamento aparece sempre em primeiro lugar. Para facilitar a leitura e a visualização, entretanto, as datas foram colocadas em ordem cronológica das postagens realizadas.

Como podemos verificar com base no Quadro 2, o *blog* da ThaTha é escrito, em 6 das 9 ocorrências, de madrugada, quando ela faz um balanço de suas próprias ações no decorrer do dia. Ela não escreve todos os dias; no mês em estudo, por exemplo, ela só relatou 9 dias, quase um terço do mês.

ThaTha só escreve uma vez ao dia, o que não ocorre com Chris e Bani, como veremos a seguir. Bani escreve praticamente todos os dias em horários alternados do mês sob análise.

Como podemos verificar, Chris realiza *posts* em seu *blog* em horários alternados, escrevendo durante quase todo o mês de agosto de 2002. Ela o faz uma vez ao dia apenas em três dias específicos. Seus relatos são constantes, embora não sigam um horário cronológico: verificam-se, pelos horários, inserções no meio da tarde, no início da noite, e só raramente de madrugada, o que permite inferir que, havendo algo importante e tempo para o registro, ela o faz em seu *blog*.

No mês em estudo, podemos resumir a quantidade total de *posts* inseridos e sua frequência da seguinte forma:

Blogueira	Frequência em dias	Total de posts
ThaTha	9	9
Bani	22	32
Cris	18	61

Quadro 3 – Total de dias e de posts

Observamos, com base no Quadro 3 acima, que Chris é quem mais posta em seu *blog*, realizando vários *posts* no mesmo dia. Essa característica assemelha-se ao diário manuscrito, pois parece haver uma constância na regularidade dos registros nos diários. A análise dos diários utilizados na pesquisa permite indicar, pelas datas, que ocorrem entradas diárias, embora não possamos garantir que tais entradas sejam realizadas, oficialmente, no dia, pois não temos acesso ao processo de produção do diário, ao passo que, no *blog*, temos o registro automático do dia e da hora em que os *posts* são lançados na rede.

5. Considerações finais

Este trabalho surgiu do interesse em se estudar os *blogs* como um novo gênero em circulação, dentre os vários outros emergentes com as constantes transformações do mundo virtual.

Embora alguns possam alegar que os *blogs* e os diários não possuam relações, nosso estudo pôde verificar que, com base no conceito de que os gêneros originam-se nos próprios gêneros (Todorov, 1980), os *blogs* nada mais são do que a adaptação dos antigos diários a um novo meio de comunicação emergente. Isso se torna ainda mais óbvio com as evoluções tecnológicas, uma vez que os *blogs* já sofreram, em tão curto espaço de tempo, diversas transformações, como é o caso dos *fotoblogs*, além da maneira como são desenvolvidos e ampliados, incorporando, a cada dia, novos recursos tecnológicos.

A pesquisa revelou, ainda, diversos aspectos desse novo gênero. Talvez o mais marcante seja a rapidez que a rede mundial de computadores imprime ao cotidiano pós-moderno, uma vez que inúmeros *sites* surgem inesperadamente e desaparecem com a mesma frequência e esse aspecto pode dificultar o trabalho de pesquisadores que têm o meio virtual como foco de pesquisa. Sinalizamos, por exemplo, o fato de que os *blogs* levantados e listados para o projeto inicial para a pesquisa realizada (Moreira-Ferreira, 2003) não mais existiam quando o projeto foi aprovado pelo conselho de pesquisa da Universidade para a realização da pesquisa, o que levou a uma nova coleta de dados.

A resposta à pergunta inicial, entretanto, pode ser confirmada: o *blog* conserva traços do gênero diário, mas traz consigo os traços que marcam a época em que é produzido. Houve mudanças no registro: os meios utilizados para se registrar as experiências são veiculados em outro suporte: em vez do papel ou livro, o suporte virtual, além das características lingüísticas típicas da linguagem virtual.

O *blog* parece apresentar as mesmas características do diário de três, quatro séculos atrás, só que não mais escrito cursivamente e sim, digitado. Ele continua a ter um grau de confiança, não mais tão recatado, íntimo e secreto, mas funcionando como ponte para novas

interações e diversas finalidades. Além disso, pode servir a diferentes propósitos educacionais, políticos, comunicativos, profissionais, dentre vários outros, não se restringindo somente ao registro de experiências cotidianas pessoais.

Esperamos, dessa forma, ter contribuído para os estudos dos gêneros sob o prisma sistêmico-funcional em língua portuguesa. Ficam em aberto, entretanto, diversas possibilidades de estudos, não somente do *blog*, mas de diversos outros gêneros virtuais emergentes, como aqueles presentes no Orkut, por exemplo, que certamente contribuirão para uma melhor compreensão da linguagem utilizada no meio virtual e sua posterior utilização para diversos fins didáticos, lingüísticos e pedagógicos.

Recebido em: 05/2005; Aceito em: 05/2007.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. 1953 Os gêneros do discurso. IN: M. BAKHTIN 1992 *Estética da criação verbal*. Martins Fontes.
- DICTIONARY OF MARKETING TERMS 2000. Barron's Education Series.
- EGGINS, S. 1994 *An introduction to Systemic-functional Linguistics*. Continuum.
- FILIPOVIC, Z. 1994 *O Diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Tradução de A.M. Soares e H. Jahn. Cia das Letras.
- FOUCAULT, M. 1993 L'écriture du soi. *Corps écrit*, 5: 3-23.
- FRANK, A. 1996 *O diário de Anne Frank*: Edição Integral. Tradução de Ivanir Alvez Calado. Record. 4ª edição.
- HALL, S. 2001 *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- HALLIDAY, M.A.K. 1994 *An introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold.
- _____ & HASAN, R. 1989 *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford University Press.
- _____ & MATHIESSEN, C.M.I.M. 2004 *An introduction to Functional Grammar*. Arnold. 3rd edition.

- LEJEUNE, P. 1975 *Le pacte autobiographique*. Seuil.
- MACHADO, A.R. 1998 *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. Martins Fontes.
- MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. 2004 *Hipertexto e gêneros digitais*. Editora Lucerna.
- MARTIN, J. 1992. *Context: register, genre and ideology. English text - systems and structure*. John Benjamins Publishing Company.
- MOREIRA-FERREIRA, M.C. 2003 Do diário ao blog: gêneros do discurso em transformação. Projeto de Iniciação Científica apresentado ao Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP.
- _____. 2006 A interpessoalidade em blogs sob a perspectiva sistêmico-funcional. Dissertação de mestrado, LAEL/PUC-SP.
- RANGEL, E.O. 1994 Observações sobre diários e o diarismo. XXIII anais de Seminários do GEL, v. 1, Ribeirão Preto. pp. 82-87.
- REVISTA VEJA, Edição Especial: Jovens. Julho de 2003.
- REVISTA VEJA, edição 1907 Blog é coisa séria. 1º. de julho de 2005.
- ROJO, R.H.R. 1999 Elaborando uma progressão didática de gêneros – Aspectos lingüístico-enunciativos envolvidos no agrupamento de gênero “relatar”. *Intercâmbio*, VIII: 101-118.
- ROUSSET, J. 1983 Le journal intime, texte sans destinataire? *Poétique*, 56: 435-443.
- TODOROV. T. 1980 *Os gêneros do discurso*. Martins Fontes.

Orlando Vian Jr. holds a Ph.D. in Applied Linguistics and Language Studies (PUC-SP). His main research interests are ESP, teacher education, Systemic-functional Linguistics and genre studies. He teaches at Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos. orlandovianjr@uol.com.br

Caroline Moreira-Ferreira is involved in research in the area of Systemic-functional Grammar and genre studies. She was a student at PUC-SP both at undergraduate level (Letras) and as a master student at LAEL/PUC-SP. meneghel13@yahoo.ca